

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CAVALARIA**

Tiago Rodrigues Vieira

**O EMPREGO DO CAÇADOR EM APOIO AO COMBATE AO ESQUADRÃO DE
CAVALARIA MECANIZADO EM MISSÕES DE SEGURANÇA**

**RESENDE
2019**

Tiago Rodrigues Vieira

**O EMPREGO DO CAÇADOR EM APOIO AO COMBATE AO ESQUADRÃO DE
CAVALARIA MECANIZADO EM MISSÕES DE SEGURANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**, sob orientação do 1º Ten Cav Pedro Henrique Bombardelli.

**RESENDE
2019**

Tiago Rodrigues Vieira

**O EMPREGO DO CAÇADOR EM APOIO AO COMBATE AO ESQUADRÃO DE
CAVALARIA MECANIZADO EM MISSÕES DE SEGURANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**, sob orientação do 1º Ten Cav Pedro Henrique Bombardelli.

Aprovado em _____ de _____ de 2019:

Banca examinadora:

Pedro Henrique Bombardelli, 1º Ten Cav
(Orientador)

RESENDE
2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, base de tudo e fonte inesgotável de motivação;

Aos amigos e instrutores por toda a ajuda e esforço empenhado em contribuir para que eu chegasse com sucesso ao final desta caminhada;

E aos camaradas de Cavalaria, que se tornaram grandes irmãos e que fizeram com que tudo fosse mais fácil.

Que nosso estribos se choquem em cavalgadas futuras.

Brasil, Acima de Tudo!

RESUMO

VIEIRA, Tiago Rodrigues. **O emprego do caçador em apoio ao combate ao Esquadrão de Cavalaria Mecanizado em missões de segurança.** Resende: AMAN, 2019. Monografia

O emprego do caçador (Cçd) está cada vez mais sendo solicitado nas diversas missões independentemente da sua natureza e por isso seu estudo vem sendo aprimorado. As suas características foram observadas e levantou-se uma problematização para que fosse estudado o seu emprego junto à cavalaria mecanizada. Este trabalho apresenta aspectos a serem considerados para compreender se é viável e eficaz empregar o Cçd militar em apoio ao combate a um Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) em missões de segurança. Foi apresentado a revisão doutrinária do tema em que se estabeleceu o material existente que aborda o assunto. Depois, versou-se sobre Esqd C Mec em missões de segurança em que é explicado o que a doutrina traz sobre o assunto e em que situações poderia empregar-se o Cçd. E, por fim, explica-se como empregar o Cçd e como ele pode se enquadrar nas missões junto com a cavalaria dentro da delimitação do tema. Nestes capítulos, buscou-se direcionar a pesquisa para os fatores mais importantes entre as características, princípios e missões do tema e suas semelhanças. Para contribuir com a pesquisa, utilizou-se citações de doutrina estrangeira e relatórios de exercícios de instrução. Por fim, pode-se chegar a uma conclusão clara em relação aos objetivos intermediários que delimitaram a pesquisa.

Palavras-chave: Caçador, Cavalaria Mecanizada, Missões de Segurança, Apoio ao Combate

ABSTRACT

VIEIRA, Tiago Rodrigues. **The use of the sniper in support of the Combat Cavalry Squadron in security missions**. Resende: AMAN, 2019. Monograph

The sniper's job is increasingly being requested in the various missions regardless of their nature and therefore their study has been improved. Its characteristics were observed and a problematization arose to study its use with Mechanized Cavalry. This paper presents aspects to be considered in order to understand if it is feasible and effective to employ the sniper in support of the combat of a Mechanized Cavalry squadron in security missions. It was presented the doctrinal revision of the theme in each established the existing material that addresses the subject. Later, it was investigated about Mechanized Cavalry squadron on security missions each is explained what the doctrine brings about the subject, and all other situations the sniper could be employed. And finally, it is explained how to employ the sniper and how he can fit the missions along with the cavalry within the delimitation of the subject. In these chapters, we aimed to direct the research to the most important factors among the characteristics, principles and missions of the theme and their similarities. In order to contribute to the article, foreign doctrine researches and instruction exercises reports were used. Finally, a clear conclusion will be shown regarding the intermediate objectives that delimited the research.

Keywords: Sniper, Mechanized Cavalry, Security Missions, Combat Support

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Forças de Segurança.....	21
Figura 2 – Quatro métodos de organização para o combate do Esqd C Mec.....	24
Figura 3 – AGLC .308 win. (antipessoal) com mira Leupold Mk. 4 (3,5-10x40 mm)....	27
Figura 4 – Barret M82A1 .50 (12,7x99 mm) (antimaterial).....	27
Figura 5 – Organização da turma de caçadores em uma Unidade de Infantaria.....	31
Figura 6 – Uma possibilidade de organização de uma equipe de <i>francoatiradores</i>	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização da turma de caçadores atualizada.....	32
Quadro 2 - Quadro de Operacionalização da Variável I.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAN	Academia Militar Das Agulhas Negras
A Seg	Áreas De Segurança
Ap F	Apoio De Fogo
A Op	Área De Operações
Cçd	Caçador
EB	Exército Brasileiro
Esqd C Mec	Esquadrão De Cavalaria Mecanizado
ERS	Escalão De Reconhecimento E Segurança
Eqp	Equipe
F Cob	Força De Cobertura
F Prot	Força De Proteção
F Vig	Força De Vigilância
Fz	Fuzil
G Exp	Grupo De Exploradores
Ini	Inimigo
QO	Quadro Organizacional
R C Mec	Regimento De Cavalaria Mecanizado
RIPI	Regiões De Interesse Para A Inteligência
Seg	Segurança
Sec Mrt Me	Seção De Morteiro Médio
SU	Subunidade
Tu	Turma
VTL	Viaturas De Transporte Leve

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVOS.....	13
1.1.1 Objetivo geral.....	13
1.1.2 Objetivos específicos.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	14
2.1 ATUALIZAÇÃO DA DOUTRINA.....	14
2.2 REVISÃO DOUTRINÁRIA.....	15
2.2.1 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado.....	15
2.2.2 Caçador Militar.....	16
2.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	17
2.4 HIPÓTESE.....	17
2.5 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.....	17
3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO.....	19
3.1 CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES.....	19
3.2 MISSÕES DE SEGURANÇA.....	20
3.3 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE.....	23
3.4 ELEMENTOS DE COMBATE E DE APOIO AO COMBATE.....	25
4 O CAÇADOR.....	27
4.1 MISSÕES DO CAÇADOR.....	29
4.2 POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES.....	29
4.3 FORMAS DE EMPREGO.....	30
4.4 ORGANIZAÇÃO.....	31
5 CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

No combate moderno, a Força Terrestre busca, entre outros objetivos, preparar a sua tropa com o que há de mais moderno quanto a doutrina e a tecnologia disponível. Para isso, é necessário o constante estudo e atualização das fontes que possibilitam o aprimoramento e adestramento dos militares. No Exército Brasileiro (EB) não é diferente. Estar preparado para a guerra em diferentes ambientes operacionais é uma tarefa árdua que demanda esforço de todos os escalões da Força. Cabe ao militar estar preparado para receber e cumprir as missões da melhor maneira. Com isso, observou-se durante o curso de graduação em ciências militares na AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras) que algumas áreas de estudo tem lacunas que dificultam o seu emprego, impossibilitam ou não são claras, como a utilização de um Cçd em apoio ao combate a um Esqd C Mec em missões de segurança.

Uma turma (Tu) de Cçd, por exemplo, é um apoio ao combate que pode facilitar de diversas maneiras a excelência no combate. Verifica-se isso se considerarmos características como a flexibilidade além da possibilidade de agir como observadores mantendo constantemente informado o escalão que os lançou. Os Cçd podem cooperar com o sucesso de uma operação de diversas maneiras. Segundo o IP 21-2: O Caçador:

O caçador (cçd) é um "sistema de armas" de extrema valia para às forças militares e órgãos de segurança civis, sendo de suma importância no atual cenário mundial devido de conflitos regionais, terrorismo e violência urbana. No contexto do emprego da Força Terrestre o cçd é um multiplicador de combate eficiente a disposição de um comandante. A filosofia para o emprego do cçd pode ser traduzida pela seguinte frase: "Um tiro, uma baixa" (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p 1-1).

Os caçadores são chamados de maneiras diferentes conforme o País que servem. São conhecidos como, por exemplo, *snipers*, atiradores de precisão, *designated marksman*, *francoatirador* e atirador especial que se diferenciam apenas pelo armamento que empregam e pela doutrina dos seus exércitos que regem o seu adestramento e emprego. Embora as doutrinas sejam um pouco diferentes, as definições e as missões que recebem são as mesmas. Podemos perceber conforme descreve o Manual Norte Americano FM 23-10:

O Sniper possui habilidades, treinamento e equipamento especiais. O trabalho dele é fornecer alta precisão discriminatória no tiro de rifle contra alvos inimigos, que não podem ser engajados com sucesso pelo fuzileiro devido à variedade, tamanho, localização, natureza fugaz, ou visibilidade. Para ser Sniper é necessário que se tenha habilidades básicas de infantaria a um alto grau de perfeição. A formação do atirador incorpora uma ampla variedade de assuntos destinados a aumentar o seu valor como um multiplicador de força e para garantir a sua sobrevivência no campo de batalha (EUA, 1994, p.1, tradução nossa).

No outro campo, os Regimentos De Cavalaria Mecanizados (R C Mec) por suas características, como descreve a doutrina, são aptos ao emprego nas ações dinâmicas da defesa e nas operações de movimentos retrógrados e que a segurança (Seg) é uma parte essencial de qualquer operação ofensiva ou defensiva (BRASIL, 2002, p. 5-1). Porém, considerando o terreno e condições meteorológicas que alteram o desenvolvimento das operações, os meios mecanizados não poderiam ser usados em plena capacidade ficando vulneráveis nas missões de segurança. Contudo, se aprofundarmos o estudo, é possível perceber que há muito o que se esclarecer para que facilite o emprego das tropas.

Ao se fazer um breve estudo das possibilidades de apoio ao combate a um Esqd C Mec, percebeu-se a dificuldade em saber como empregar uma Tu Cçd a fim de ampliar o plano de fogos da SU. A doutrina indica isso quando cita que nas operações de segurança o R C Mec poderá ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate (BRASIL, 2002, p. 5-1) mas que não trata especificamente da utilização do Cçd. Com isso, foi feita uma problematização em que é questionada a possibilidade de empregar o Cçd por tropas de cavalaria valor unidade em proveito de uma subunidade em missões de segurança. Cabe ainda levantar o que faz com que as características e possibilidades de um Cçd sejam oportunas para que sejam um meio eficaz quando empregado junto com um Esqd C Mec. Além disso, em missões de segurança, questiona-se que ações uma Tu Cçd pode realizar para que a cavalaria poupe esforços ou ganhe tempo a fim de alcançar o objetivo das missões conforme mostra o MC C 2-20:

A Seg é obtida pela adoção de medidas eficazes para detectar a ameaça, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça (BRASIL, 2002, p. 5-1).

Este trabalho é uma maneira de apresentar uma forma de apoio ao combate que é pouco explorada. Esta pesquisa justifica-se por fornecer dados que contribuam para o aprimoramento da doutrina. A doutrina delta trata como muito importante o estudo da guerra limitada, do tipo convencional, ao nível da estratégia operacional, em área operacional do continente e no âmbito da defesa externa, como explica o MC C 2-1:

a. A Doutrina Delta é uma nova concepção doutrinária do Exército Brasileiro, orientada para a guerra limitada, do tipo convencional, ao nível da estratégia operacional, em área operacional do continente (excluída a área estratégica Amazônica) e no âmbito da defesa externa. b. Esta concepção doutrinária é um objetivo a ser perseguido, é um farol a orientar o preparo e o emprego, o

desenvolvimento e as aquisições de equipamentos e armamentos para a Força Terrestre e, em particular, a doutrina de emprego, as estruturas organizacionais, a instrução e o adestramento das grandes unidades, unidades e subunidades de Cavalaria (BRASIL, 1999, p. 1-4).

Esse estudo, portanto, contribui para o desenvolvimento de novas técnicas táticas e procedimentos (TTP) e outras formas de combater. Ainda, é viável sugerir mudanças ou acrescentar conteúdo na doutrina existente. Este estudo contribui para facilitar o entendimento do que pode ou não ser feito quanto ao emprego do Cçd por um Esqd C Mec.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é apresentar um conteúdo analítico direcionado para concluir se é viável e eficaz utilizar estrategicamente o Cçd militar quando em apoio ao Esqd C Mec em missões de segurança.

1.1.2 Objetivos específicos

Para esclarecer o objetivo geral da pesquisa, foram criados alguns objetivos intermediários que são: apresentar a doutrina existente que trata do Esqd C Mec em missões de segurança; apresentar a doutrina existente, nacional e estrangeira, que trata do emprego do Cçd militar; e apresentar doutrinas, contextos históricos e experiências de adestramento em que foi utilizado o Cçd militar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 ATUALIZAÇÃO DA DOCTRINA

A Doutrina Militar existente apresenta manuais de fundamentos, manuais de campanha, cadernos de instrução, instruções provisórias dentre outros materiais que visam fazer padronizações. Esses materiais são as fontes de consulta para que todo militar se inteire do que deve aprender ou revisar o que foi objeto de estudo. Ou seja, são fundamentais para que a força terrestre mantenha constante o aprimoramento técnico profissional dos seus militares.

Em relação ao assunto dessa pesquisa, são encontradas as seguintes fontes de consulta mais atualizadas que tratam da cavalaria em missões de segurança: BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 2-1:** Emprego Da Cavalaria, 2.^a Edição, 1999; BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 2-20:** Regimento De Cavalaria Mecanizado, 2.^a Edição, 2002; BRASIL. Ministério da Defesa. Exército; e BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70 MC-10.223:** Operações, 5^a Edição, 2017.

Este trabalho limita-se em analisar a cavalaria mecanizada operando em uma missão de segurança ficando apta a realizar defesa em posição ou movimentos retrógrados. Para o trabalho também serão considerados os seguintes manuais que tratam de instruções para Cçd: _____ . **CI 21-2/2:** O CAÇADOR. Brasília, DF, 2006; _____ . **IP 21-2:** O CAÇADOR, 1.^a Edição, 1998; _____ . **MCTP 3-01E:** Sniping. Washington, D. C., 2016; COLOMBIA. Fuerzas Militares de Colombia. Ejercito Nacional. **EJC 3-99:** Manual basico para francotiradores. Bogotá, D.C., 2003; ESPAÑA. Ejercito de Tierra. **MI 6-101:** Equipo de tiradores de precisión. Granada, 2007.; ESPAÑA. Ejercito de Tierra. **MI 6-028:** Tiradores de élite. Granada, 1999.; EUA. Department Of The Army. **FM 3-22.10:** Sniper training and operations. Washington, DC, 2009; e EUA. Department Of The Army. **FM 3-21.8:** The Infantry Rifle Platoon and Squad. Washington, DC, 2007.

Esses manuais em suma tratam de como deve ser formado o caçador. Percebeu-se a superficialidade com que é tratado o assunto emprego tático pelo caçador na doutrina do Exército Brasileiro. Tendo em vista o campo de abrangência da pesquisa e as poucas fontes de material nacional para consulta, o estudo de diferentes doutrinas direciona o estudo e facilita o entendimento do que é importante para o emprego do Cçd em missões de segurança.

2.2 REVISÃO DOCTRINÁRIA

2.2.1 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado

A Cavalaria Mecanizada reúne características adequadas para cumprir as missões direcionadas à segurança. Segurança é uma parte fundamental para qualquer operação ofensiva ou defensiva. Para, isso, conforme explica a doutrina, as tropas de Cavalaria Mecanizada empregarão seus esforços para comporem Força de Cobertura (F Cob), Força de Proteção (F Prot) e Força de Vigilância (F Vig) nas Áreas de Segurança (A Seg).

- b. A segurança (Seg) compreende um conjunto de medidas tomadas pelo comando para proteger-se da surpresa, da espionagem, da sabotagem, da observação ou de qualquer forma de perturbação de suas atividades por parte do inimigo (Ini). A Seg tem por finalidade preservar o sigilo da operação e assegurar a liberdade de ação do Cmt.
- e. A Seg é obtida pela adoção de medidas eficazes para detectar a ameaça, propiciando tempo e espaço necessários para que a tropa protegida possa manobrar a fim de evitar, neutralizar ou destruir essa ameaça.
- g. Nas operações de segurança o R C Mec poderá ser reforçado por elementos de combate e apoio ao combate (BRASIL, 2002, p. 5-1).

Os fatores de decisão são extremamente importantes para o sequenciamento das ações. Eles alteram a configuração do emprego dos esforços principais tanto da força amiga quanto inimiga. Esse fator implica na necessidade de um comandante de se manter constantemente informado do que está acontecendo. Neste sentido, um R C Mec que executa missões de segurança deve ficar em condições de realizar também reconhecimentos e ataques. Para isso, tem à disposição, para ser reforçado, elementos que facilitarão o êxito dos objetivos assim como a maior eficiência dos meios empregados tudo para poupar pessoal e otimizar o tempo que é crucial para o combate. Os Regimentos e Esquadrões de Cavalaria estão presentes estrategicamente nas regiões militares onde se confirmou que a sua presença é fundamental para defesa externa. Em uma breve análise percebe-se que nesses locais prevalece a existência de planícies com faixas rodoviárias extensas e com grandes compartimentos que facilitam a trafegabilidade. Atrelado a isso, há também diversas localidades estendidas não somente ao longo da faixa de fronteira, mas também em áreas isoladas que servem de referência geográfica. Isso interfere diretamente no emprego da Cavalaria Mecanizada. Em geral, facilita a execução de movimentos retrógrados, por exemplo, mas levanta também a necessidade de estudo das regiões uma vez que os apoios ao combate devem ser adequados para aumentar e ampliar o plano de fogos das unidades nessas regiões nas missões de segurança.

2.2.2 Caçador Militar

O Cçd militar necessita ter um treinamento diferenciado, que possibilite o seu adestramento e constante aperfeiçoamento com situações possíveis que aconteçam em suas missões. Isso abrange realizar tiros a distâncias desconhecidas, avaliar alvos, escolher diferentes posições de tiro, identificar as variáveis climáticas na balística externa, reconhecer possíveis ações do inimigo, monitorar de Regiões de Interesse para a Inteligência (RIPI), empregar técnicas de camuflagem e técnicas de infiltração entre outros estudos e práticas como descreve o Programa Padrão do Estágio de Caçadores (PP ESTÁGIO DE CAÇADORES, 1ª Edição, 2003).

Essa gama de conhecimento consagra o Cçd como um elemento importante para um comandante. Uma Tu Cçd pode gerar efeitos com suas ações que podem ser causar baixas, diminuir a velocidade do Inimigo (Ini), baixar o moral, instalar o medo e desviar meios e esforços Ini para sua busca (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p 1-2).

A doutrina orienta quanto ao seu valor logo em seu primeiro princípio básico do emprego do Cçd nas operações.

O caçador só atira em alvos selecionados - O valor do caçador não pode ser medido somente pelo número de baixas que ele causa ao inimigo, mas principalmente, pelo valor do pessoal eliminado, ou material neutralizado/ destruído, e pelo efeito psicológico causado por sua ação (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p 5-1).

Além disso, deve-se considerar a sua missão secundária de observação. No cumprimento da missão secundária, o Cçd empregará sua capacidade de infiltrar-se em área ocupada pelo inimigo buscando, em tempo real, informações sobre o inimigo. Inclui também como missão do Cçd a obtenção de informações para a sua Unidade, durante o cumprimento de sua missão (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998).

Estes princípios permitem refletir que as suas capacidades o possibilitam contribuir de diversas formas. Mesmo que a missão principal do Cçd sendo eliminar alvos selecionados e compensadores, por vezes a sua missão secundária de ser um observador pode ser mais vantajosa com determinada ação. Em determinadas situações o levantando informes e a transmissão para o escalão superior pode ser mais eficaz do que a eliminação de alvos.

Em relação ao escalão que lança a equipe de apoio ao combate, verifica-se que cabe ao comando da unidade estabelecer a subordinação da equipe e a forma como será empregada

como mostra a doutrina:

O comando da Unidade toma as decisões relativas ao emprego tático da turma. Pode empregar toda a turma ou parte dela em apoio à Unidade, ou em proveito da ação de uma determinada subunidade. Pode, também, colocar alguma equipe em reforço a uma subunidade, para o cumprimento de determinada missão. Cada situação exige uma forma de emprego (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 5-2).

As ações destes atiradores quando se tratar de apoio de fogo podem ser o emprego com subordinação direto ao comando do regimento ou da subunidade, podendo ainda ser designado para um pelotão. Estas ações podem ser em conjunto, apoio direto ou reforço (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 5-4/ 5-5).

2.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Ao levar-se em consideração a revisão da literatura, conseguiu-se levantar o problema em que se questiona se é viável e eficaz utilizar o Cçd em apoio ao combate ao Esqd C Mec em missões de segurança.

2.4 HIPÓTESE

Com o material coletado para a revisão da literatura, conclui-se que o emprego do Cçd pode ser uma solução para problemas que as operações trazem para os comandantes. Evidencia-se isso quando são apresetadas as possibilidades do Cçd e das tropas de Cavalaria Mecanizada. Percebe-se que elas se assemelham quanto a observação e monitoramento. Além disso, consegue-se induzir que o Cçd pode auxiliar um Esqd C Mec como apoio de fogo (Ap F), aumentando o plano de fogos da SU.

2.5 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Para realizar o trabalho, foram reunidos livros que abordam o emprego do Cçd em diferentes séculos e guerras, manuais de diferentes exércitos e doutrina existente na Biblioteca Digital do Exército. Com esse material fichado, foi feita a análise e resenha do que é relevante. A pesquisa tem um caráter exploratório, pois, visa a familiarização do pesquisador com o assunto que foi pesquisado. Seu tipo de pesquisa teve como procedimento o estudo e foi executada através de uma investigação doutrinária e histórica, tanto de materiais nacionais quanto a outras obras estrangeiras que abordam o assunto com conteúdos diferenciados. Ainda, pode-se caracterizá-la por ser um estudo qualitativo ao passo que os objetos de estudo

são pontos subjetivos. Além disso, almejou-se identificar, descrever e interpretar os aspectos e em que se assemelham as operações realizadas pela Cavalaria Mecanizada em missões de segurança e as possibilidades de emprego do Cçd militar. Os enfoques estudados objetivaram, portanto, desenvolver ideias, apresentar respostas para os objetivos e orientar a pesquisa.

3 O ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADO

Este capítulo abordará de forma direcionada o material bibliográfico analisado para que permita alcançar uma conclusão clara e objetiva do tema. Existem diversas maneiras de empregar o Esqd C Mec em missões de segurança. Contudo, existem situações em que o Esqd C Mec é mais apto a executar tendo em vista os meios que dispõe. Com isso, serão trabalhados os aspectos do combate em que é provável o emprego do Esqd C Mec e que quando apoiado pelo emprego de caçadores poderá ter mais eficiência.

3.1 CARACTERÍSTICAS, POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

A Cavalaria Mecanizada é reconhecida por apresentar as seguintes características: Mobilidade, Potência de fogo, Proteção blindada, Ação de choque, Sistema de comunicações amplo e flexível, e Flexibilidade (BRASIL, 2002, p. 1-2). Essas características existem pelo fato de suas tropas possuírem grupos com características bem distintas. Pode-se ver isso ao revisarmos a constituição das suas tropas. Os pelotões C Mec são constituídos de Grupo de Combate dotado de Mtr .50 em sua Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP), Seção de Viatura Blindada de Reconhecimento (VBR) equipada com canhão 90 mm, Mtr AAe e Mtr coaxial 7,62 mm e o Grupo de Exploradores (G Exp) dotados de Mtr MAG nas Viaturas de Transporte Leve (VTL). Esses meios reunidos abrem um leque de possibilidades de emprego para as Subunidades (SU).

Em toda operação busca-se durante o planejamento considerar todas as possibilidades possíveis de acontecer tanto para a execução das ações da tropa amiga quanto para prevenir a surpresa das ações da força oponente. Para isso, são intrínsecas a observação do terreno, o constante monitoramento da A Op, o escalonamento da defesa, a manutenção das atualizações dos acontecimentos e a avaliação constante de todas as ações desde o planejamento. Logo, quanto maior for a disponibilidade de elementos capacitados a fazer esses levantamentos para o comando da SU maiores serão as possibilidades de se obter os resultados desejados. Deve-se considerar então, para que a tropa não limite o seu período de duração em combate, o revezamento entre os elementos ou prever uma reserva de apoio imediato (BRASIL, 2017, p. 2-23).

Para as missões de segurança realizadas por um Esqd C Mec pode-se planejar o emprego de uma equipe (Eqp) de Cçd. Isso poderia ser uma solução tanto para melhorar o desempenho da tropa em determinadas situações tanto para reforçar uma tropa que já está

ficando esgotada. O manual de *francoatiradores* colombianos apresenta, diferente dos manuais nacionais, exemplos de emprego que facilita o entendimento deste possível apoio ao combate.

A ação dos franco-atiradores, embora não definitiva, dará um passo importante no movimento inimigo, forçando-o a desdobrar-se, permitindo o desempenho de suas próprias reservas na área. Tal uso será particularmente apropriado quando se trata de proteger os próprios flancos ou cobrir intervalos entre posições excessivamente separadas. Quando a ação é desenvolvida em uma via de aproximação em que o avanço inimigo é esperado, o objetivo desejado será desacelerar seu avanço e começar a se desgastar antes de estabelecer contato com o primeiro escalão do próprio. Se o itinerário observado é feito em um inimigo avançando a pé, deve-se considerar o número de ações de fogo reduzido, porque uma vez quebrado surpresa, o inimigo será capaz de adotar as implantações mais diversas, apoiando o seu avanço com fogo ou abandonar o itinerário seguido pela adoção de outro paralelo. Quando o avanço é realizado em colunas de marcha motorizada será maior, já que os primeiros veículos destruídos opõem-se, complicando a sua capacidade de manobra, tornando-se alvos estáticos ou semi-estáticos. (COLOMBIA, 2003, p. 112, tradução nossa)

Consegue-se perceber que as ações descritas têm objetivos comuns aos da Cavalaria em uma missão de segurança. Pode-se considerar então que a possibilidade do apoio de uma Tu Cçd pode ser feito a fim de colaborar com o cumprimento das missões.

Os Esqd C Mec apresentam algumas limitações. Uma delas, que é uma consequência de possuir meios pesados, é a limitação da mobilidade em certos terrenos ou em decorrência de fatores meteorológicos que alteram a trafegabilidade dos corredores de mobilidade. Ou seja, tem a mobilidade limitada quando estiver fora de estrada, principalmente em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos e sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade. Outra limitação a necessidade de apoio logístico bem estruturado uma vez que sua capacidade operacional depende de combustível, munição e meios de motomecanização para que a tropa mantenha suas características assim como mostra a doutrina quando cita a necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente dos suprimentos de classe III, V e IX (BRASIL, 2002, p. 1-3).

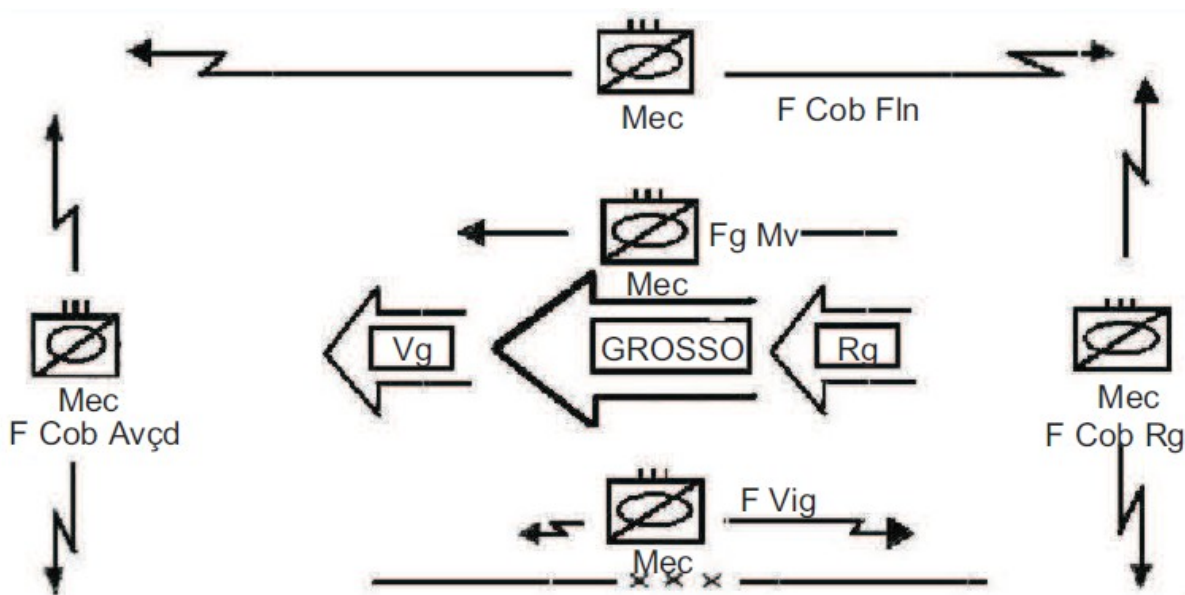
3.2 MISSÕES DE SEGURANÇA

As missões de segurança são fundamentais nas operações. Elas são compostas por tropas que são o primeiro esforço empregado pelo comandante. Elas desempenham as missões a uma distância considerada suficiente pelo comandante para que ele consiga, ao passo que recebe informações, manobrar suas unidades na área de operações (A Op). As tropas

empenhadas podem compor forças de cobertura (avançada, de flanco e de retaguarda), proteção (vanguarda, flancoguarda e retaguarda) ou vigilância.

O reconhecimento e a segurança tem muitas ligações em comum, mas não pode-se confundir suas finalidades. Proporcionar certo grau de segurança é característica das missões de segurança, e o grau varia com cada missão. Mas isso se consegue também ao realizar um Reconhecimento. Da mesma forma, as características do reconhecimento como levantar informes sobre o terreno e o inimigo são conseguidas com as missões de segurança. Ou seja, uma tropa empenhada em uma missão de segurança provê certo grau de segurança para o grosso e provê informes para o escalão que a empregou na missão (BRASIL, 2002, p. 5-4). Vejamos o posicionamento de cada tropa em uma missão de segurança em relação ao sentido de deslocamento do grosso:

Figura 1 - Forças de Segurança



Fonte: BRASIL, 2002

O comando realiza as missões de segurança para proteger-se da surpresa, da espionagem, da sabotagem, da observação ou de qualquer outra forma de atuação por parte do inimigo. As tropas empregadas nessas missões, portanto, tornam-se os olhos e ouvidos do comandante. Toda e qualquer movimentação deve ser percebida e avaliada. O tempo de percepção, avaliação e transmissão da informação deve ser rápido. Esse processo necessita também de precisão, pois deve-se entender que as manobras subsequentes a serem planejadas e realizadas pelo comando considerarão o que a ponta da linha transmitiu. A eficiência desse processo deve ainda conseguir preservar o sigilo das operações perante as ações o que

assegura a liberdade do comando.

O sucesso de uma missão de segurança é determinado por alguns fatores. O primeiro fator são as informações adquiridas com a missão. O segundo é a correta tomada do dispositivo para a segurança e observação. O terceiro é a correta seleção e utilização dos elementos e meios para a missão. O último trata sobre as medidas realizadas contra observação e ataque inimigo. Este último é o que necessita de mais flexibilidade e coordenação do comandante da tropa empregada, pois, é a decisão dele ou da reação dos seus subordinados contra as ações do inimigo que consolidará o grau de segurança desejado podendo ser a cobertura, proteção ou vigilância (BRASIL, 1999, p. 8-8/8-9).

Para avaliar melhor a característica das missões em que se poderia empregar o Cçd junto a cavalaria mecanizada, é necessário entender e avaliar as características dos graus de segurança e dos tipos de forças de segurança nas missões de segurança que traz o manual de emprego da cavalaria:

3-5. GRAUS DE SEGURANÇA

- a. Cobertura - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, retardá-lo, desorganizá-lo, engajá-lo ou iludi-lo antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta.
- b. Proteção - É a ação que proporciona segurança a determinada região ou força, pela atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque de surpresa do inimigo sobre a região ou força protegida.
- c. Vigilância - É a ação que proporciona segurança a determinada força ou região, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo tão logo ele entre no raio de ação dos instrumentos do elemento que a executa.

3-6. FORÇAS DE SEGURANÇA

a. Força de cobertura

- (1) É uma força de segurança, taticamente autônoma, que opera a uma considerável distância, orientada na direção do inimigo, em proveito de uma força estacionada ou em movimento.
- (2) As forças de cobertura denominam-se: força de cobertura avançada, força de cobertura de flanco e força de cobertura de retaguarda.

b. Força de proteção

- (1) É uma força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma tropa estacionada ou em movimento a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e os fogos de surpresa. De acordo com as suas possibilidades, ela repele, destrói ou retarda o inimigo que ameaça a força segurada. A força de proteção opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida.
- (2) As forças de proteção denominam-se: vanguarda, flancoguarda e retaguarda.

- c. Força de vigilância - É uma força de segurança que estabelece uma cortina de vigilância com a missão básica de alertar sobre a aproximação do inimigo (BRASIL, 1999, p. 3-4/3-5).

Nas ações durante a execução das forças de segurança, os elementos de cavalaria

devem procurar executar e manter suas ações de acordo com os fundamentos das operações de segurança: garantir espaço para manobra, orientar a execução da missão em função da força em proveito da qual opera, executar um contínuo reconhecimento, manter o contato com o inimigo. (BRASIL, 2002, p. 5-2/5-3)

Para avaliar melhor a condição do emprego do Cçd neste contexto, devemos compreender se há semelhança entre a natureza dessas ações. Então, serão apresentadas as generalidades de cada uma das Forças de Segurança:

FORÇA DE COBERTURA

a. A força de cobertura (F Cob), normalmente uma Bda C Mec, é uma F Seg taticamente autônoma que opera à considerável distância, a frente, no flanco ou retaguarda de uma tropa amiga estacionada ou em movimento. É empregada quando a força em proveito da qual opera está engajada em operações ofensivas ou defensivas. A F Cob recebe, normalmente, missões de natureza ampla, que poderão incluir: esclarecimento da situação, desorganização e destruição da força inimiga, conquista de acidentes capitais do terreno, e retardamento do inimigo (BRASIL, 2002, p. 5-5).

FORÇAS DE PROTEÇÃO

a. Generalidades

(1) A força de proteção (F Ptc) é uma F Seg que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os fogos diretos e o ataque de surpresa do inimigo. Ela repele, destrói ou retarda, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameacem a força protegida. A F Ptc opera dentro dos fogos de apoio da força protegida (BRASIL, 2002, p. 5-10).

FORÇA DE VIGILÂNCIA

a. A Força de Vigilância (F Vig) é a F Seg que proporciona um alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento.

b. A F Vig retrai quando pressionada e mantém o contato com o Ini, não tendo responsabilidade territorial entre ela e a tropa para qual opera.

c. As missões da F Vig têm por finalidade:

- (1) proporcionar um alerta oportuno da aproximação do inimigo;
- (2) obter e manter o contato visual com forças inimigas e informar sobre seu deslocamento;
- (3) destruir ou repelir patrulhas inimigas;
- (4) impedir o avanço das forças inimigas pelo emprego dos fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

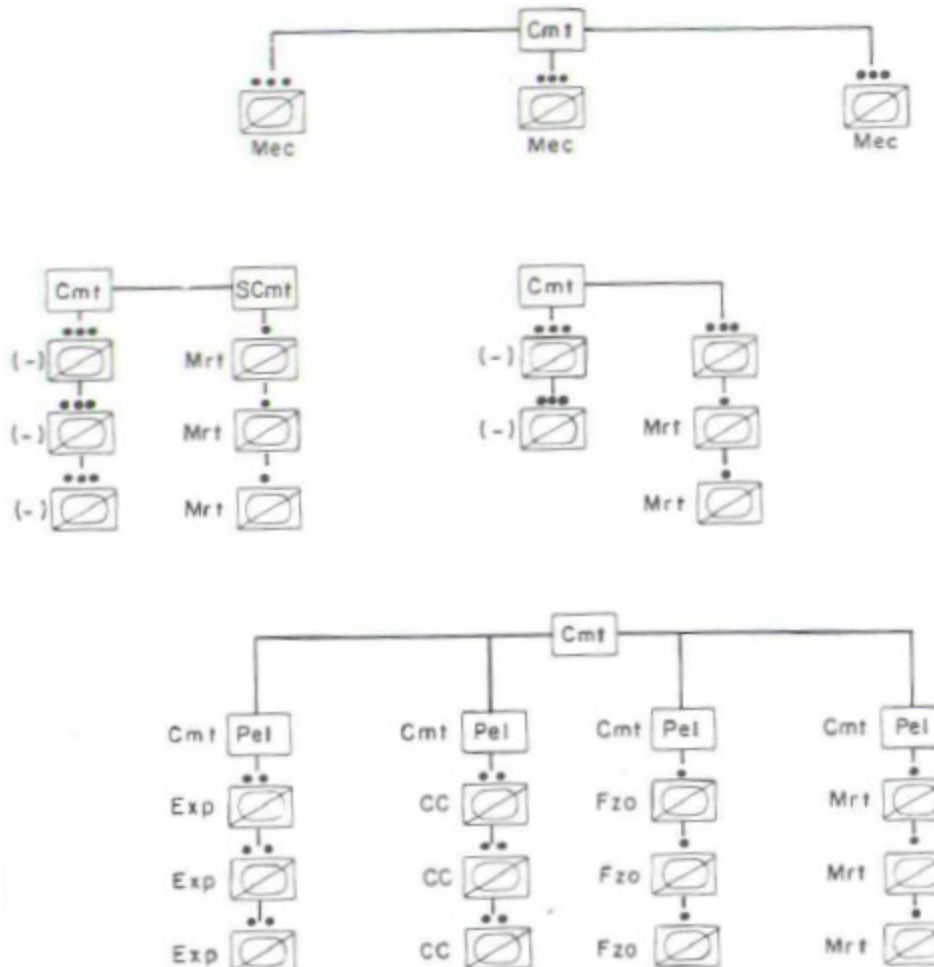
d. Uma missão de vigilância é dada quando, por economia de meios, uma extensa área deve ser mantida sob observação e há poucos meios disponíveis para executar a missão. A missão se traduz no estabelecimento de uma “cortina de vigilância” (fixa ou móvel) que é executada pela instalação de uma série de postos de observação, que cobrem as vias de acesso do inimigo. Patrulhas a pé, motorizadas e aéreas reconhecem aquelas áreas que não podem ser observadas dos postos de observação (BRASIL, 2002, p. 5-26).

3.3 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

O Esqd C Mec não tem previsto em seu quadro organizacional QO a formação de

grupos ou Eqp Cçd. Mas deixa claro que pode receber apoios para as suas missões. Isso é mais frequente nas missões de reconhecimento e segurança. A imagem a seguir mostra possíveis organizações do Esqd C Mec.

Figura 2 - Quatro métodos de organização para o combate do Esqd C Mec



Fonte: BRASIL, 1982

O Cmt Esqd normalmente emprega seus pelotões sem alterar-lhes a organização prevista em QO. Em determinadas situações, no entanto, pode reforçar um pelotão com elementos de outro ou construir pelotões provisórios, reunindo frações de mesma natureza. Este procedimento é normal nos combates de encontro, bastante frequentes nas missões de reconhecimento e segurança.

A organização para o combate do Esqd C Mec pode variar dependendo dos fatores de decisão: missão, inimigo, terreno e meios. Além disso, a SU geralmente opera sem apoios. Contudo, dependendo da situação, pode receber elementos em apoio, orgânicos ou não do R C Mec (BRASIL, 1982, p. 1-3).

É válido compreender que, se o Regimento possuir Cçd, poder-se-ia formar grupos ou Eqp Cçd a fim de estarem previamente organizados para quando necessário atuarem em determinadas missões. Esses Cçd poderiam também serem destinados como apoio ao combate para um esquadrão quando as Eqp Cçd das Brigadas de Infantaria forem destinados a apoiarem as SU.

3.4 ELEMENTOS DE COMBATE E DE APOIO AO COMBATE

Esta seção do trabalho tem muita relevância para o entendimento da questão de estudo. A citação bibliográfica da doutrina existente apresentada mostra alguns fatores a serem considerados para o melhor emprego das tropadas de Cavalaria Mecanizada.

O primeiro fator a ser levantado é que os Esqd C Mec podem receber apoio para o combate, direto ou indireto. Esses apoios têm a função de facilitar a execução da missão tendo em vista o melhor aproveitamento de seu esforço principal e com melhor garantia de segurança nas operações. O segundo fator é o recebimento de Ap F, seja direcionado para o R C Mec empregado ou em proveito de uma SU com prioridade de fogos, por exemplo.

Este estudo, embora tenha encontrado as formas de que uma SU pode receber Ap F, constatou que a doutrina nacional não dispõe de material que aborde o Cçd como Ap F. Em relação ao seu emprego, o manual dos Batalhões de Infantaria cita o Cçd como composição de um Escalão de Reconhecimento e Segurança (ERS) que é uma fração temporária constituída para infiltrações. Este manual trata do emprego do Cçd neste caso da seguinte forma:

Os caçadores serão empregados para eliminar resistências inimigas localizadas em postos de vigilância ou pequenas patrulhas de reconhecimento. É importante considerar o momento oportuno para a atuação dos caçadores, de modo a não denunciar ao inimigo a presença de nossas tropas no interior das linhas inimigas. Desta forma, deve-se raciocinar com a eliminação e ocultação de elementos inimigos na iminência da infiltração da força infiltrante (BRASIL, 2003, p. 4-31).

A doutrina Norte Americana, em seu manual de atiradores de infantaria de pelotão e GC, define o apoio desses atiradores. Além disso, esclarece o que podem fazer como apoio tanto na missão principal como na secundária. Pode-se verificar isso neste parágrafo:

A principal missão da seção de franco-atiradores em combate é apoiar as operações de combate, fornecendo fogo preciso de longo alcance em alvos selecionados. Os franco-atiradores criam baixas entre as tropas inimigas, retardam o movimento do inimigo, diminuem a moral do inimigo e aumentam a confusão em suas operações.

Eles podem se envolver e destruir alvos compensadores. A missão secundária da seção de franco-atiradores é coletar e relatar informações sobre o campo de batalha. A seção de franco-atirador é empregada em todos os tipos de operações. Isso inclui operações de estabilidade ofensivas, defensivas e operações de suporte em que o fogo de precisão é fornecido em longas distâncias. Também inclui patrulhas de combate, emboscadas, operações de contra-caçada, elementos de observação de tropas, operações militares em territórios urbanizados e operações retrógradas em que franco-atiradores fazem parte de forças deixadas em contato ou como forças que ficam para trás (EUA, 2007, p. g-2, tradução nossa).

Levando em consideração a existência de Eqp Cçd previstas nos Batalhões de Infantaria, e partindo da premissa de que os Esqd C Mec podem receber apoio ao combate, pode-se considerar como uma oportunidade de melhoria para os quadros organizacionais dos Regimentos de Cavalaria a formação de equipes de Cçd. Pode-se inferir isso pois as tropas de infantaria já trabalham com esta situação. E, pela hipótese desse trabalho, uma das conclusões que poderíamos chegar quanto a este tipo de apoio ao combate, seria a essa nova possibilidade de organização. Isso diminuiria a burocracia para empregar o Cçd junto à cavalaria e pouparia tempo para o comando que planejará a missão.

4 O CAÇADOR

O Cçd é um elemento de apoio ao combate que pode ser utilizado de diversas maneiras. A sua formação é baseada pelo Programa Padrão: ESTÁGIO DE CAÇADORES 1.ª Edição – 2003. Esta ferramenta orienta as instruções militares direcionadas para o estágio de caçador militar realizado nos comandos militares de área. Com esta padronização, todo Cçd formado está apto a empregar fuzil (Fz) do Cçd combinado a luneta telescópica que formam o Sistema de Armamento do Caçador. Nos estágios, geralmente, o armamento utilizado para formar o Cçd é o AGLC .308 win. (antipessoal) equipado com mira Leupold Mk. 4 (3,5-10x40 mm).

Figura 3 - AGLC .308 win. (antipessoal) com mira Leupold Mk. 4 (3,5-10x40 mm)



Fonte: arquivo pessoal

Além disso, os Cçd militares recebem instrução que os capacita a se desenvolver com outros armamentos semelhantes como o Fz M40 7,62x51 mm (antipessoal) e o Barret M82A1 .50 (12,7x99 mm) (antimaterial). Esses armamentos podem ser equipados com diferentes miras entre elas as que possuem tecnologia para possibilitar ações noturnas. Isso possibilita a uma Tu Cçd aumentar seu poder de fogo, assim como a distância da qual um alvo pode ser engajado.

Figura 4 - Barret M82A1 .50 (12,7x99 mm) (antimaterial)



Fonte: IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p 2-2

Outro fator a se considerar é o revezamento entre Cçd e observador. Utilizando dois armamentos de precisão de calibres diferentes equipados com mira telescópica, a Tu Cçd consegue substituir o equipamento de observação (monóculo, luneta com tripé) o que é mais prático e mais funcional. Chega-se a esta conclusão pois existe no mercado equipamento óptico que fornece a ampliação digital com otimização de imagens, imagens termais, designação (laser) e telêmetro (laser).

A Tu Cçd necessita de tempo para preparar e se deslocar entre suas posições de tiro. Essa tarefa torna-se difícil ao se considerar a infiltração da Tu Cçd uma das fases mais sensíveis de cada missão. A falha nesta fase pode custar a vida da Tu Cçd ou o êxito da operação da fração a que estão apoiando. Portanto, é fundamental o cuidado e a destreza com que se vai planejar e executar a infiltração ou deslocamento até a tomada da posição de tiro.

Para essa atividade, quando em apoio ao combate a um Esqd C Mec em missões de segurança, o Cçd precisa de mobilidade a fim de estar sincronizado com as ações ligeiras características da cavalaria mecanizada. Dessa forma, é importante observar a disponibilização dos meios para as Tu Cçd quando estiverem no planejamento de suas missões.

É fundamental o zelo com o equipamento de alto valor que eles conduzem assim como sua mobilidade. Para isso, uma solução é fazer com que eles recebam uma viatura para facilitar a condução dos seus equipamentos e aumentar a velocidade dos seus deslocamentos.

Uma variante desta solução é o emprego de motocicletas. Esta solução é eficiente por tornar a equipe mais autônoma considerando-se que o piloto pode ser o próprio caçador/observador e pelas dimensões destes veículos facilitarem a camuflagem. Nas missões de segurança, os caçadores podem apoiar um Esqd C Mec ampliando o seu plano de fogos. Ou seja, pode receber uma frente de observação ou serem empregados em uma área cuja frente seja mais apta ao emprego do Cçd, a fim de liberar as outras frações para operarem em frentes com características mais adequadas para os seus meios.

O Cçd, utilizando o Fz AGLC, consegue eliminar, por exemplo, elementos de pequenas patrulhas de reconhecimento inimigo a uma distância de até 800 m. Esse tipo de ação consegue alcançar diversos objetivos. Ao eliminar um elemento inimigo, o Cçd instaura o medo na tropa inimiga. O medo, é uma forma de alcançar outros objetivos como fazer com que a tropa inimiga desdobre no terreno, ganhar tempo para preparação de posições defensivas ou planejamento de contra-ataques, por exemplo. Efeitos desejados no emprego do Cçd: causar baixas, diminuir a velocidade do ini, baixar o moral, instalar o medo, e desviar meios e esforços ini para sua busca (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 1-2).

4.1 MISSÕES DO CAÇADOR

As Eqp Cçd recebem as seguintes missões que são tratadas como principais para seu emprego:

Eliminar pessoal ini, eliminar caçadores ini, impedindo sua ação sobre nossas tropas, destruir ou tornar indisponível meios materiais, durante o cumprimento de sua missão, procurará, se possível, obter informes para a sua unidade. com a finalidade de durar na ação, o caçador deverá dispor de equipamentos (eqp) que permitam sua atuação em boas condições, sem o apoio logístico regular, uma vez que é empregado, normalmente, de forma descentralizada (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 1-2).

O manual para as equipes de atiradores de precisão do Exército Espanhol define de maneira semelhante as missões designadas aos seus Cçd. Contudo, acrescenta algumas definições como mostra o manual:

A principal missão de uma equipe de atiradores de precisão é realizar operações de fogo de precisão a partir de posições ocultas contra alvos selecionados. As missões que podem ser desenvolvidas pelas equipes de tiro de precisão podem ser agrupadas em: missões de destruição, nas quais se pretende a perda de pessoal ou a desativação de material; missões de supressão, nas quais se pretende assegurar que o inimigo não use suas armas ou meios; e missões de proteção e segurança (ESPAÑA, 2007, p. 1-32, tradução nossa).

4.2 POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Para empregar o Cçd de forma eficiente, é necessário conhecer suas possibilidades e limitações. Elas devem ser de conhecimento de todos os responsáveis pelo seu emprego. Porém, o principal responsável e conhecedor delas deve ser a própria Eqp Cçd. Eles devem, ao receber a missão, informar a necessidade de meios e materiais que necessitam. Além disso, devem fazer a conferência e informar o estado do seu armamento, munição e equipamento de observação. Ainda, devem testar todo material e se possível, ensaiar em alvos semelhantes quanto a distância e elevação, formato, condições climáticas do alvo. Tudo isso interfere para ratificar ou não suas possibilidades e limitações para determinada missão.

Conforme abordado no parágrafo anterior, podemos entender então que as possibilidades do Cçd variam de acordo com os meios que lhe são fornecidos. Eles alteraram a distância que os alvos poderão ser engajados e observados, o período do dia que poderão realizar suas ações, e a quantidade de dias que poderão permanecer em condições de atuar no

terreno. Pode-se considerar também a capacidade de empregar mais Tu Cçd ao mesmo tempo ou a distância com que a turma empregada ficará do comandante. Para uma Tu Cçd apoiar um Esqd C Mec, é importante levar em consideração que meios de comunicação deverá conduzir, uma vez que as distâncias para enlace são grandes e esse é um fator fundamental para o cumprimento das missões

O Cçd tem limitações quanto a mobilidade por não ter uma viatura prevista para a turma e por carregar o fardo de combate com peso elevado em suas infiltrações se considerarmos munição e ração para os dias de operação. Além disso apresenta baixa cadência de tiro do seu armamento principal, seu equipamento e armamento dependem das condições climáticas para melhor utilização e o terreno onde operam deve fornecer cobertas e abrigos tanto para sua camuflagem durante a infiltração quanto para a tomada da posição final de tiro.

4.3 FORMAS DE EMPREGO

O comando da Unidade toma as decisões relativas ao emprego tático da turma. Os envolvidos no processo para emprego do Cçd são os seguintes elementos: comando da unidade, oficial de operações, oficial de inteligência e o comandante do pelotão de comando. Pode-se empregar toda a turma ou parte dela no apoio à Unidade ou em proveito da ação de uma determinada SU. Pode, também, colocar equipe em reforço a uma SU, para o cumprimento de determinada missão. Cada situação exige uma forma de emprego, conforme aborda a doutrina:

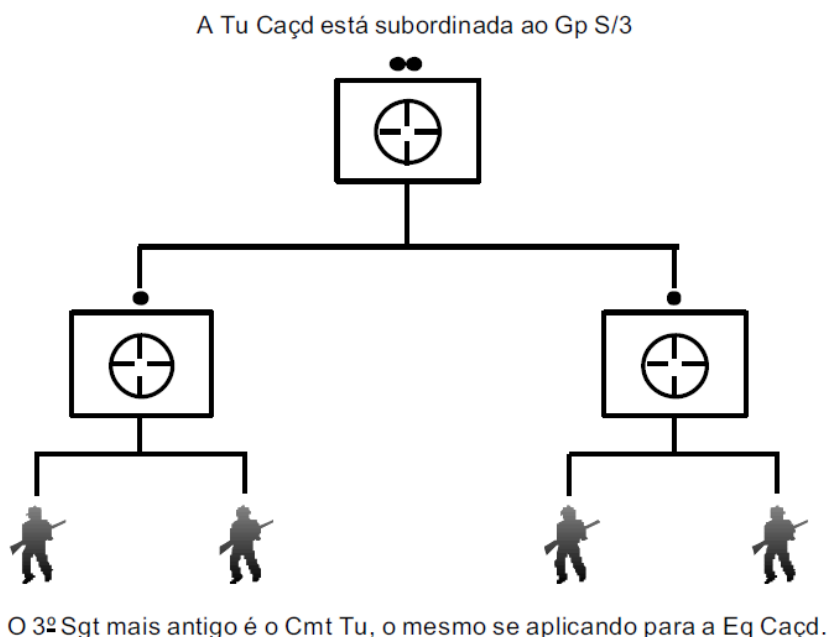
- a. Ação de conjunto - Quando a turma estiver em ação de conjunto, executa missões em apoio às subunidades cujas ações estejam diretamente controladas pelo comando da Unidade. Empregando a turma desta maneira, o comandante terá mais flexibilidade e melhor coordenação dos fogos. O controle tático das equipes ficará a cargo do S/3 da Unidade, assessorado pelo S/2 e pelo comandante da turma.
- b. Apoio direto - Quando uma equipe estiver em apoio direto, o comandante da turma fica com o controle de suas ações no apoio a determinada subunidade. Ele é o responsável pelo suprimento, escolha e ocupação das posições de tiro, pelos reconhecimentos e deslocamentos para o cumprimento da missão. O comandante da turma estabelece, ainda, uma ligação com comandante apoiado para que melhor possa assessorá-lo.
- c. Reforço - Quando uma equipe estiver posta em reforço a uma determinada subunidade, seu controle passará a ser exercido pelo comandante daquela subunidade. O reforço é justificado quando a turma, agindo em ação de conjunto ou em apoio direto não puder proporcionar um apoio eficaz a uma determinada companhia. As ocasiões apropriadas para o reforço surgem quando a subunidade apoiada está operando em terreno que torne extremamente difícil para o comando da Unidade controlar e coordenar as ações da equipe de caçadores. O comandante reforçado passa a ser o responsável pelo emprego tático e pelos suprimentos da

equipe, exceto o equipamento específico do caçador (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 5-2/5-4).

4.4 ORGANIZAÇÃO

A doutrina do Exército Brasileiro apresenta uma forma de organizar as Tu Cçd dos Batalhões de Infantaria. Ela prevê em uma turma duas equipes, compostas por dois militares. Essa formação não deve ser confundida com a organização prevista para os destacamentos de caçadores de operações especiais e destacamento de precursores paraquedistas, por exemplo. Abaixo, é apresentado a organização de uma Tu Cçd:

Figura 5 - Organização da turma de caçadores em uma Unidade de Infantaria



Fonte: IP 21-2: O CAÇADOR, 1998, p. 1-3

- a. No Quadro de Efetivos do Quadro de Organização (QE / QO) das Unidades de Infantaria os Caçd são organizados em Turma de Caçadores (Tu Cçd) composta de duas equipes (Eq Cçd), com dois caçadores (3º Sgt) por equipe.
- b. Eventualmente, o Caçd poderá atuar isoladamente.
- c. O emprego em equipe possibilita a alternância de funções, isto é, um homem atua como caçador propriamente dito e o outro como observador e apontador de alvo(s) (IP 21-2: O CAÇADOR, 1998 p. 1-3).

Mais atualmente, passou a vigorar outra forma de organização com o quadro de cargos dos Batalhões de Infantaria Blindado que foi revisado e alterado em 30 de abril de 2015, aprovado no Boletim de Acesso Restrito do Exército nº 4/2015 e que nele a Tu Cçd passou a

ser organizada com a seguinte constituição:

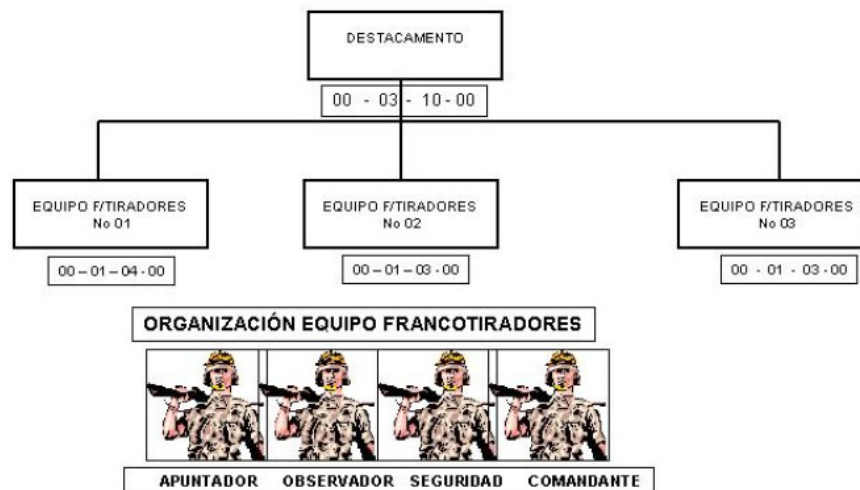
Quadro 1 - Organização da turma de caçadores atualizado

Tu de Caçadores	Cmndo	Ch Tu Cçd Mot VBMT-LR	2º Sgt Sd	1				
	1ª Eqp Cçd	Ch Eqp Obs Caçador Segurança/At	3º Sgt Cb Sd	1				
					2ª Eqp Cçd	Ch Eqp Obs Caçador Segurança/At	3º Sgt Cb Sd	1

Fonte: GONÇALVES, 2017

Na doutrina para os *francoatiradores* colombianos são apresentados, assim como no manual brasileiro, os fundamentos, as características, o emprego, os armamentos disponíveis, as técnicas fundamentais, entre outros fatores importantes. Contudo, notou-se uma diferença na organização colombiana prevista para os destacamentos de *francoatiradores*. Percebeu-se que eles se preocuparam com a segurança da equipe, uma vez que o binômio caçador-observador tem dificuldade em prover a própria segurança. Além disso, o comandante da equipe é o mais antigo e ele não é o Cçd ou observador como o que é previsto na doutrina brasileira. Na descrição dessa organização, deixa-se claro que essa formação pode variar de acordo com as missões, mas que essa seria a mais completa. A seguir, é apresentado uma possível estrutura da organização dos destacamentos de *francoatiradores* colombianos:

Figura 6 - Uma possibilidade de organização de uma equipe de *francoatiradores*



Fonte: COLOMBIA, 2003

Continuando o estudo a respeito da organização dos Cçd em diferentes exércitos a fim de poder contribuir para uma futura organização de Tu Cçd em Regimentos de Cavalaria, encontrou-se a organização das seções de *snipers* norte-americanos. Essa doutrina prevê 3 sistemas de *snipers*. Nestes sistemas, são previstos 3 militares: um atirador, um observador e um segurança. Percebe-se então que abriu-se mão de um comandante para um sistema considerando um comandante apenas para as 3 seções como pode ser analisado na citação do manual norte-americano a seguir:

A seção de Sniper tem 10 pessoas alistadas: um líder de seção, 3 sistemas de rifle sniper de longo alcance e 3 sistemas de rifle sniper padrão. Há três equipes de atiradores de elite na seção de sniper organizadas com um sniper, observador e segurança. Como resultado, a seção de franco-atiradores pode empregar efetivamente três equipes de atiradores ao mesmo tempo. Quando necessário, o comandante pode empregar até cinco equipes de atiradores ad hoc para missões de duração limitada, empregando duas equipes masculinas. As equipes de atiradores podem ser organizadas em qualquer unidade do batalhão ou empregadas diretamente sob o controle do batalhão. Os atiradores de elite são mais eficazes quando os líderes da unidade suportada entendem as capacidades, limitações e o emprego tático das equipes de atiradores de elite (EUA, 2007, p. G-2, tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

A semelhança entre as características das missões de segurança realizadas por um Esqd C Mec e as possibilidades de emprego do Cçd existe. Contudo, notou-se durante o trabalho uma dificuldade em encontrar material bibliográfico que explique de forma direta as missões de emprego do Cçd e não apenas as suas possibilidades. Por outro lado, esta forma que a doutrina apresenta o emprego do Cçd possibilita concluir que uma das maiores características do Cçd é a flexibilidade, podendo ser empregado em diversas missões em que possa ter como objetivo não só eliminar alvos selecionados, mas também podendo atuar com a observação.

O estudo de fontes estrangeiras em relação ao Cçd foi fundamental neste trabalho para poder chegar a conclusões mais claras. Verificou-se que há uma atualização quanto a organização dos Cçd que se assemelha a organização dos Cçd de outros exércitos. Além disso, pode-se verificar que as lições aprendidas nos estágios se assemelham e que os Cçd podem desempenhar inúmeras funções. Uma análise semelhante a este tema concluiu mais profundamente quando, além do estudo bibliográfico, realizou-se uma entrevista com cinco militares com experiência na área, como apresentou GONÇALVES:

Quadro 2 – Quadro de Operacionalização da Variável I

Variável independente	Dimensões da Variável	Indicador (es)	Formas de medição
Doutrina	Missões	Missão primária - execução de tiros precisos	Pesquisa documental; Entrevista exploratória; Entrevista exploratória; e Grupo Focal.
		Missão secundária - busca de informações	
	Atividades	Realizar ações contra caçadores (primária)	Pesquisa bibliográfica; Pesquisa documental; Entrevista exploratória; e Grupo Focal.
		Eliminar alvos selecionados de acordo com sua importância (primária)	
		Apoiar pelo fogo preciso (primária)	
		Realizar tiros anti-material (primária)	
		Realizar vigilância (secundária)	
		Monitorar RIPI (secundária)	
		Observar e controlar fogos indiretos (secundária)	
		Realizar busca de explosivos (secundária)	
Realizar observação diurna e noturna da área de objetivo (secundária)			

Fonte: GONÇALVES, 2017

Quanto à necessidade de Cçd apoiar um Esqd C Mec, verificou-se que os manuais não apresentam nenhum material que cita este apoio ao combate. Consegue-se inferir esta situação por estabelecer-se uma relação entre as possibilidades do caçador e as características das missões de segurança. Ao fim, foi observado que a principal função seria a ampliação do plano de fogos da SU.

Nesta análise conseguiu-se compreender que o dinamismo das operações, característico das tropas de cavalaria, vão ao encontro das limitações dos Cçd. A mobilidade é um fator fundamental para que a Tu Cçd possa acompanhar os meios mecanizados sem depender de nenhum grupo ou seção. Para isso, sugere-se o estudo e normatização do emprego de motocicletas para o binômio caçador observador, ou da utilização de uma VTL destinada à equipe atualizada de caçadores, em que é adicionado um segurança.

Por outro lado, ao serem apresentados os tipos de força de segurança e os graus de segurança que podem ser realizados, conseguiu-se compreender que para missões de proteção e de vigilância o emprego do Cçd seria mais adequado pelas características das forças apresentadas. Conclui-se isso por terem características menos dinâmicas e descentralizadas se comparadas à proteção, possibilitando ao Cçd executar com mais precisão e mais segurança as suas atribuições.

Ainda, é válido lembrar a importância de que os militares que tenham sido empregados ou realizado o planejamento de uma equipe de caçadores desenvolvam trabalhos científicos, por exemplo, para que se tenha mais conteúdo acerca desta poderosa forma de apoio de fogo. Com isso, outros trabalhos poderão ser projetados com o objetivo de contribuir com a atualização da doutrina. Ainda neste contexto, foi verificado na AMAN que em diversos exercícios realizados com alunos de diversas escolas de formação, como anualmente na Manobra Escolar, são empregados Tu de Cçd. Porém, não são confeccionados relatórios a fim de possibilitar um banco de dados, que pode ser utilizado para análises e estudos.

Este trabalho conseguiu concluir algumas situações. A primeira é que a turma de caçadores pode apoiar um Esqd C Mec em uma missão de segurança. Alguns compartimentos do terreno são de difícil observação, possuindo elevações, mata, desfiladeiros e até mesmo ramificações das vias de acesso. Os caçadores podem observar estes lugares por terem equipamento adequado tanto para eliminar material quanto para observação.

Outro aspecto é que turma de caçadores consegue economizar meios e suprir a necessidade de um efetivo. O Esqd C Mec tem algumas características como o emprego de viaturas blindadas que possibilitam seu emprego em missões de segurança. Mas quando o terreno ou outros fatores que impedem ou dificultam a sua utilização, se perde um elevado

poder de fogo, como o da VBR. Para isso, pode-se ser utilizado o Cçd.

A terceira conclusão é a possibilidade dos Cçd de eliminarem alvos a uma distância em que o inimigo não consiga identificar a ameaça. Isso aumenta o tempo para informar o escalão superior e providências serem tomadas. O inimigo é obrigado a desdobrar no terreno para identificar o terreno. O moral da tropa inimiga baixa, mesmo que o alvo eliminado não tenha uma função de comando. Esta situação pode ser vista em muitas narrativas ao ler o livro *Sniper nas Guerras* do escritor Michael E. Hasskew dos EUA, como na situação de John Fulcher do Exército dos Estados Unidos, em setembro de 1943, ao avançar das tropas aliadas pelo sul da Itália. É descrito uma situação em que o caçador ocupou uma posição final de tiro e ficou a espera de alvos que poderiam passar por uma estrada ou trilha. Ao avistar o inimigo, a turma de caçadores agiu e viram, tiro após tiro, o desespero das tropas do eixo.

Os outros Krauts eram tão novatos que não sabiam ainda se espalhar para se proteger até que meu parceiro entrou na dança e derrubou mais um. Mesmo assim, eles se comportaram mais como codornas do que como soldados em combate. Esconderam-se nas valas de drenagem e em algumas crateras de granadas, as cabeças aparecendo. [...] Imaginei que conseguiria acertar mais uns dois ou três, mas suspendi o fogo. Não seria bom ser identificado, mesmo que por soldados verdes [...] A companhia se reorganizou sem nenhuma tentativa de nos encontrar. [...] Assim que passaram por uma curva distante da estrada, os alemães foram saudados pelos estalos simultâneos de mais dois tiros de fuzil ao entrarem no setor de outra equipe ianque. (HASKEW, 2016, p. 60)

No mesmo livro, observa-se a seguinte abordagem acerca do *sniper* moderno:

As principais organizações militares do mundo, com firme compromisso de dispor de unidades de *snipers* especializados e bem treinados, confiam nesses profissionais pela mesma razão de suas antecessoras. O *Sniper* moderno elimina alvos de grande valia, corrói o moral inimigo e coleta informações (HASKEW, 2016, p. 195).

Pode-se concluir que o Cçd é utilizado pelas principais forças militares do mundo. Existe material militar de ponta que pode ser adquirido e destinado ao aperfeiçoamento desses militares a fim de poderem contribuir com a Força Terrestre.

Conclui-se que é viável e eficaz empregar o Cçd em apoio ao combate a um Esqd C Mec. Observa-se isso por serem estabelecidas semelhanças claras entre a possibilidades que a flexibilidade do Cçd possibilita e as variáveis dos fatores de decisão que um comandante se depara durante um planejamento de operações. Ou seja, ter a possibilidade de empregar o Cçd em apoio as tropas de Cavalaria possibilita suprir lacunas que as características do Esqd C Mec apresentam. Portanto, é viável formar Eqp Cçd nos Regimentos de Cavalaria

Mecanizada a fim de ter disponível o emprego para o apoio na SU ou na própria Unidade, e é eficaz este tipo de apoio ao combate uma vez que verifica-se a possibilidade de alcançar os objetivos estabelecidos para a missão. Além disso, verifica-se que ter a disposição diferentes formas de apoio ao combate traz uma superioridade desde o planejamento. Por fim, sugere-se o aprofundamento do estudo para melhor enquadrar esta forma de emprego em algum dos três tipos de força de segurança.

REFERÊNCIAS

- _____. **CI 21-2/2: O CAÇADOR.** Brasília, DF, 2006.
- _____. **IP 21-2: O CAÇADOR,** 1.^a Edição, 1998.
- _____. **MCTP 3-01E: Sniping.** Washington, D. C., 2016.
- _____. **PP ESTÁGIO DE CAÇADORES.** 1.^a Edição, 2003.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70 MC-10.202: Operações Ofensivas e Defensivas,** 1.^a Edição, 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **EB70 MC-10.223: Operações,** 5.^a Edição, 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 2-1: Emprego Da Cavalaria,** 2.^a Edição, 1999.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 2-20: Regimento De Cavalaria Mecanizado,** 2.^a Edição, 2002.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 2-36: Esquadrão De Cavalaria Mecanizado,** 1.^a Edição, 1982.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **MC C 7-20: Batalhões de Infantaria,** 3.^a Edição, 2003.
- COLOMBIA. Fuerzas Militares de Colombia. Ejercito Nacional. **EJC 3-99: Manual basico para francotiradores.** Bogotá, D.C., 2003.
- EUA. Department Of The Army. **FM 23-10: Sniper trainig.** Washington,DC, 1994.
- EUA. Department Of The Army. **FM 3-21.8: The Infantry Rifle Platoon and Squad.** Washington, DC, 2007.
- EUA. Department Of The Army. **FM 3-22.10: Sniper training and operations.** Washington, DC, 2009.
- ESPAÑA. Ejercito de Tierra. **MI 6-028: Tiradores de élite.** Granada, 1999.
- ESPAÑA. Ejercito de Tierra. **MI 6-101: Equipo de tiradores de precisión.** Granada, 2007.
- GONÇALVES, Rodrigo Villela. **A Força-Tarefa Batalhão de Infantaria Blindado no Ataque à Localidade: Uma Doutrina de Emprego da Turma de Caçadores.** 2017. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <bdex.eb.mil.br> pesquisa-Mest_Inf_Villela_Esao. Acesso em: 06 de jun. De 2019.
- HASKEW, Michael E. **Sniper nas Guerras.** São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2016.

PLASTER, Maj. John L. **The Ultimate Sniper:** an Advanced Training Manual for Military and Police Sniper. Colorado: Paladin Press, 2006.